

PLANO DE AULA

1. **TEMA:**A Missão de Jesus
2. **OBJETIVO:**As crianças reconhecerão em Jesus o maior e o mais perfeito missionário que a Terra conheceu.
3. **BIBLIOGRAFIA:**

Mt, 6: 26; 7:29; 9:35; Mc, 8: 34; Lc, 4:15, 20, 30 a 32; 10: 25-37; 1 Jo, 4: 20
ESE, 1: 3 e 4; LE, 625 a 627; GE, cap. 15
A Caminho da Luz (Emmanuel / F.C. Xavier), caps. 1 e 12; Jesus no Lar (Neio Lúcio F.C. Xavier), cap. 1

4. **AULA:**

a) **Incentivação inicial**Diálogo.
Estabelecer conversa com as crianças, no sentido de discutir qual das atividades de Jesus foi a mais importante, se as curas, se as palavras, se os ensinamentos através dos exemplos.

b) **Desenvolvimento**Exposição.
Depois de estabelecida a conversação, apresentar as seguintes considerações, para, ao fim da aula, concluir, mostrando Jesus como o missionário da Boa Nova.

As religiões, de modo geral, ensinam que a cada época Deus envia à Terra um Espírito missionário, portador de novas verdades religiosas, em consonância com a necessidade ou o progresso dos povos. Esse missionário recebe o nome de mestre, de iluminado, de profeta, de santo, conforme o meio em que reencarna. Jesus se situa entre os grandes benfeitores da Humanidade, mas a sua figura é vista diferentemente pelas várias correntes religiosas do mundo, existindo pelo menos três definições bem distintas

Certas correntes religiosas, principalmente do Oriente, reconhecem a missão dos profetas judeus e incluem Jesus entre eles, deixando de reconhecer-lhe a estatura espiritual que, inegavelmente, o coloca em destaque diante de todos os outros benfeitores que a Terra conheceu, em todos os tempos. Essas correntes religiosas do Oriente, por considerarem Jesus apenas mais um profeta, deixam de reconhecer a amplitude universal do seu Evangelho, como se a sua missão se restringisse apenas ao âmbito do povo judeu.

Uma outra posição, num outro extremo, a da Igreja Católica Romana e de todo o Protestantismo, que consideram Jesus a encarnação do próprio Deus. Essas religiões ensinam que Deus é constituído de três pessoas numa só: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Segundo elas, o Filho se encarnou entre os homens, na figura de Jesus. Daí ouvirem-se expressões como essas: "Deus menino...", referindo-se a Jesus quando criança, ou "Deus se fez homem...", referindo-se a Jesus já adulto.

O Espiritismo tem uma terceira posição, que fica entre as outras duas, pois ensina que Jesus nem é um missionário comum, nem é Deus. É um Espírito, filho de Deus como nós, portanto nosso irmão. Sua natureza não é diferente da nossa. O que o faz diferente de nós é apenas evolução. É um Espírito que foi criado há muitíssimos milênios e cuja evolução se perde na noite dos tempos. Jesus é, fora de qualquer dúvida, o Espírito mais evoluído que a Terra conheceu, não sendo possível qualquer comparação com outros missionários.

Jesus não veio à Terra para criar uma nova religião ou uma nova seita. Veio exatamente para libertar o homem do jugo dos sacerdotes, exercido no interior das religiões. Entretanto, com o passar do tempo, o próprio movimento cristão, que não soube interpretar os ensinamentos do Mestre em toda a sua amplitude, foi restringindo-lhe o alcance. Os líderes religiosos, por estarem mais interessados em dominar do que em iluminar as criaturas com as claridades do Evangelho, foram centralizando as práticas religiosas em cultos e rituais complicados, onde a figura renovadora e atuante de Jesus cedia espaço à figura de Jesus morto. Com o passar do tempo, a mensagem viva da Boa Nova deixou de ser estudada nos templos com aquela objetividade, clareza e aplicabilidade na vida diária, que caracterizavam os ensinamentos de Jesus. A figura do Mestre, presente nos atos diários da vida quotidiana, foi sendo substituída por outra, imobilizada num crucifixo. O apelo religioso não mais era o de seguir Jesus-vivo, mas sim de chorar Jesus-morto. A prática religiosa que foi vivenciada por Jesus de forma, tão dinâmica, passou a

ser uma contemplação mística, extática, no interior dos templos, em torno de um Jesus morto, ensinando-se, concomitantemente, que a sua vinda à Terra teve como objetivo oferecer a Deus seu sangue, inocente de qualquer culpa, para salvação da Humanidade.

Jesus já sabia que sua mensagem seria desvirtuada e adaptada ao gosto e ao interesse daqueles que desejavam o poder religioso. Por isso é que prometeu mandar o Consolador para ensinar todas as coisas e para relembrar os seus ensinamentos (Jo, 14: 15 a 17 e 26). Cumprindo a sua promessa, o Mestre mandou-nos o Espiritismo, que trouxe-nos de novo os seus ensinamentos libertadores, na sua pureza, simplicidade e alcance originais. O Espiritismo veio, então, para relembrar à Humanidade as propostas de aprimoramento espiritual apresentadas por Jesus, propostas essas dirigidas a todos os seres humanos, de todos os quadrantes da Terra.

A mensagem de Jesus é uma proposta de libertação do espírito humano, através de um novo conceito de religião. Religião não-contemplativa e não-apartada da vida diária. Segundo os ensinamentos e os exemplos de Jesus, a religião deve estar presente e influir nos atos da vida comum, o que leva o Homem a concluir que todos os momentos da vida são sagrados, todos os lugares são sagrados, de vez que Deus está em todos os momentos em todos os lugares.

Os exemplos de Jesus nesse sentido são profundamente marcantes, pois orava, meditava, ensinava, amparava, curava, exortava ao bem, enfim, praticava todos os atos conceituados como atos religiosos, onde quer que estivesse, a qualquer hora do dia ou da noite, exatamente para demonstrar que o bem deve ser praticado em todos os momentos da vida, e que a casa de Deus não é apenas o templo religioso, mas sim o Universo inteiro.

Jesus mudou completamente a concepção de relacionamento da criatura humana com o Criador. Libertou o Homem do temor a Deus, ensinando-lhe que Deus é Pai, é amor: “Pai Nosso, que estás nos céus...”; “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus...” (Mt 6: 9; 7:11). É a figura do Pai justo, compassivo, paciente, misericordioso, em contraposição à figura colérica, vingativa e cheia de preferências pessoais que os judeus cultuavam. Jesus mostrou também que Deus não é aquele soberano postado no interior dos templos a aguardar oferendas e bajulações dos Homens e que quanto mais estes o agradassem, mais bênçãos receberiam. Jesus ensinou que podemos buscar em Deus o amparo necessário à execução de nossas tarefas, mas que o esforço é individual e que ninguém progride com o esforço alheio: “Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me...” (Mc, 8: 34).

Mudou, também, a concepção do relacionamento do Homem com o próximo, ensinando que de nada adiantava tentar agradar a Deus no templo, se não se buscasse viver em paz na vida comum: “Portanto, se trouxeres a tua oferta diante do altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão...” (Mt, 5: 23 e 24). Nenhum missionário enfatizou tanto o próximo como caminho para Deus. Por bem entender os ensinamentos do Mestre é que o Apóstolo João diz, numa de suas cartas: “Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (1 Jo, 4: 20). Ninguém falou e exemplificou tanto o perdão quanto o Mestre, que respondendo a Pedro, que lhe perguntara quantas vezes deveria perdoar, se até sete vezes, responde-lhe: “Não te digo que até sete, mas, até setenta vezes sete.” (Mt, 15: 21 e 22). Isto é, infinitamente. Quando o doutor da lei perguntou a Jesus o que deveria fazer para ter vida eterna, o Mestre demonstrou-lhe que deveria usar na vida diária aqueles preceitos que conhecia e recitava apenas como prática religiosa. E para exemplificar contou-lhe a parábola do Bom Samaritano (Lc, 10: 25 a 37) como ilustração do “ama ao teu próximo como a ti mesmo” que os Judeus conheciam de cor, mas não praticavam.

Até Jesus, a religião era toda mística, misteriosa e do domínio completo dos sacerdotes, que se apresentavam como intermediários entre o Homem e Deus. O Homem era inteiramente passivo, não lhe competindo entender, mas apenas seguir os preceitos da religião. Com Jesus, o conceito de religião muda completamente no mundo, transformando a área do sentimento e do misticismo passivo e entrando no domínio do entendimento, da razão. Jesus veio ensinar a compreensão e a aplicação inteligente dos preceitos religiosos. Quando o fariseu o censurou por haver curado no sábado, o Mestre chamou-o à razão, buscando fazê-lo raciocinar, ao perguntar-lhe o que faria se naquele dia caísse um boi ou uma ovelha de sua propriedade numa vala. No Sermão da Montanha - peça considerada por muitos como um hino ao sentimento - Jesus fala também à razão, quando demonstrou ao Homem que se Deus cuida das aves e das plantas, como não haveria de prover as necessidades de seus filhos: “... Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mt, 6: 26). Foi o Mestre do diálogo aberto, do ensinamento ao nível de todas as criaturas, qualquer que fosse o seu grau evolutivo, o seu nível de compreensão.

AME-JF
DEC

Continuação do Plano de Aula

AULA Nº 06
III CICLO “A”

Os mestres religiosos, em geral, não trabalham para ganhar o próprio sustento. Apartam-se da “vida profana”. Jesus, ao contrário, mostrou que a religião não é incompatível com o trabalho. Servindo como carpinteiro – profissão de criaturas simples –, deixou a mais ampla e profunda mensagem religiosa que a Terra já recebeu.

Os mestres religiosos ensinam os mais belos conceitos, mas, em geral, permanecem longe da prática da vida. Quase todos ficam apenas no campo da pregação teórica, no campo do ideal. Também nesse aspecto o testemunho de Jesus é marcante. Ele foi, inquestionavelmente, o Mestre do exemplo, pois além de ensinar, usando frases simples, claras, acessíveis a todos, exemplificava tudo, vivendo, ele próprio, ensinamentos. Ensinou e vivenciou seus ensinamentos de modo exuberante. Desde a lição inextinguível da manjedoura, à morte gloriosa na cruz, ninguém prodigalizou à Humanidade tantos exemplos vivos de fé, bondade, abnegação, perdão e amor, quanto o Mestre Nazareno.

Jesus se destaca de todos os demais missionários que vieram à Terra por características marcantes de sua ação. De modo geral, os gurus, os iniciados, os mestres, se fixam num determinado local, estabelecendo ali uma espécie de santuário. Como o Mestre nunca agiu assim, não há um lugar especialmente consagrado a ele. Jesus, na medida em que os meios de locomoção da época lhe permitiam, deslocava-se em busca dos aprendizes da Boa Nova, levando-lhes sua palavra amorosa e libertadora, estivessem eles nas ruas, nas estradas, à beira do lago, no trabalho, no lar...

O Mestre nunca enfatizou a necessidade do estudo, da meditação e da oração nos templos, mas no lar, longe da suntuosidade e do luxo dos ambientes religiosos. Ali, na casa de Simão Pedro, em noite memorável, inicia, Ele próprio, O Culto do Evangelho no Lar, ensinando a prática do estudo, da conversação nobre, da meditação elevada e da oração em torno da mesa, com os familiares do Apóstolo (Jesus no Lar, cap. I).

Jesus foi o Mestre que, trabalhador humilde, pobre e sem títulos, usando as coisas mais simples da vida, como a semente, o peixe, o pão, a água, deixou, através da sua palavra amorosa e sábia e do exemplo marcante, a mais profunda e libertadora mensagem de todos os tempos.

c) Fixação e/ou avaliação — Interrogatório.

As perguntas abaixo poderão ser apresentadas às crianças, e depois, comentadas e discutidas com elas:

01. Como algumas religiões orientais interpretam a missão de Jesus na Terra?
02. Quem abriu na Terra o primeiro Culto Cristão no Lar?
03. Qual o caminho para Deus apontado por Jesus ?
04. Cite alguns ensinamentos de Jesus que só o Espiritismo divulga e prega.
05. Por que Jesus prometeu que mandaria o Consolador?
06. Qual era a idéia de Deus que tinha o povo hebreu?
07. Jesus modificou a idéia que os Judeus tinham em relação à prece?
08. Por que Jesus pode ser citado como o Mestre do exemplo?
09. Jesus foi um profissional religioso?
10. Jesus estabeleceu algum lugar como sagrado?

d) Material didático — — — —